

TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO ESPAÇO DE TROCAS DE EXPERIÊNCIAS E CONTEÚDOS ENTRE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

DIGITAL TECHNOLOGIES AS A SPACE FOR EXCHANGING EXPERIENCES AND CONTENT BETWEEN INCLUSIVE EDUCATION TEACHERS

Ana Flavia de Oliveira Albuquerque ¹

Verônica Eloi de Almeida ²

Marcos Antonio Silva ³

RESUMO: O objetivo do artigo é apresentar o desenvolvimento de uma plataforma digital colaborativa para troca de experiências e conteúdos dos professores de apoio educacional especializado e sala de recursos do município de Niterói. Através da pesquisa qualitativa, desenhou-se o perfil e as vivências destes professores, assim como a definição de cada funcionalidade, elementos e nomenclatura do espaço digital a ser desenvolvido. Em cada etapa o diálogo entre autores e pesquisadores da área educacional, inclusiva e tecnológica é refletida, a fim de corroborar com a construção de uma plataforma como possibilidade de dinamizar o cotidiano docente e suprir necessidades apontadas por eles. Conclui-se que a tecnologia alinhada à educação possibilita a superação de desafios do cotidiano daqueles cujo propósito é a garantia do direito à uma educação equitativa.

PALAVRAS-CHAVE: Docente; Inclusão; Tecnologia; Colaboração; Educação.

ABSTRACT: The objective of this article is to present the development of a collaborative digital platform for exchanging experiences and content among teachers of specialized educational support and resource rooms in the city of Niterói. Through qualitative research, the profile and experiences of these teachers were outlined, as well as the definition of each functionality, elements and nomenclature of the digital space to be developed. At each stage, the dialogue between authors and researchers in the educational, inclusive and technological fields is reflected in order to corroborate the construction of a platform as a possibility to streamline the daily life of teachers and meet the needs they have identified. It is concluded that technology aligned with

¹ Mestrado em Novas Tecnologias na Educação (UniCarioca). Centro Universitário Carioca. Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-4336-3379> Email: anafoalbuquerque@gmail.com

² Doutorado em Sociologia e Antropologia (UFRJ). Centro Universitário Carioca. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4694-8617> Email: veronicaeloi@hotmail.com

³ Doutorando em Políticas Públicas e Formação Humana (UERJ). Centro Universitário Carioca. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8547-1359> Email: msilva@unicarioca.edu.br

education makes it possible to overcome the daily challenges of those whose purpose is to guarantee the right to an equitable education.

KEYWORDS: Teacher; Inclusion; Technology; Collaboration; Education.



10.23925/2176-4174.35.2025e72452

Recebido em: 09/07/25.

Aprovado em: 06/08/25.

Publicado em: 08/08/25.

Introdução

O professor da Educação Inclusiva, especialmente de apoio educacional especializado e de sala de recursos, atua diretamente com estudantes com deficiência, transtornos do neurodesenvolvimento, altas habilidades ou superdotação, sendo fundamental no processo de garantia do direito à aprendizagem e ao pleno desenvolvimento desses alunos. Sua prática exige constante adaptação, criatividade, conhecimento técnico e sensibilidade para lidar com múltiplas especificidades em contextos escolares muitas vezes marcados por infraestrutura precária, falta de apoio institucional e carência de formação continuada adequada. Na rede municipal de Niterói, esta que é centro da pesquisa, um único docente de apoio educacional especializado pode atender três ou mais estudantes com perfis e necessidades distintas em sala de aula, assim como o professor atuante na sala de recursos atende todos os estudantes público-alvo da educação inclusiva na escola. O que impõe desafios diários à efetivação de uma prática pedagógica inclusiva e significativa.

Nesse contexto, a colaboração entre professores torna-se fundamental para fortalecer estratégias pedagógicas, compartilhar experiências bem-sucedidas e construir, de forma coletiva, soluções para os obstáculos enfrentados. No entanto, observa-se uma lacuna significativa na existência de espaços formais — especialmente digitais — que possibilitem essa troca entre os docentes da Educação Inclusiva. Essa ausência de um ambiente virtual colaborativo foi observada durante o período pandêmico, quando, além das dificuldades de acesso à internet e aos recursos tecnológicos por parte dos estudantes, também se evidenciou a exclusão

digital de professores e a inadequação das plataformas institucionais para atender às demandas da inclusão escolar.

Foi a partir dessa vivência concreta e do contato direto com as limitações do sistema que surgiu a inquietação que deu origem a esta pesquisa: a ausência de um espaço digital acessível e específico para que os professores da Educação Inclusiva possam compartilhar práticas, conteúdos, desafios e estratégias pedagógicas. Assim, o objeto desta investigação é o desenvolvimento de um protótipo de plataforma digital colaborativa voltada aos professores da Educação Inclusiva da cidade de Niterói, com o propósito de contribuir para a valorização do fazer pedagógico e o fortalecimento do trabalho colaborativo entre pares.

A questão que norteia esta pesquisa é: de que forma uma plataforma digital colaborativa pode contribuir para a troca de experiências e de conteúdos entre professores da Educação Inclusiva da cidade de Niterói, promovendo práticas pedagógicas mais eficazes e colaborativas?

O objetivo geral é desenvolver um protótipo de plataforma digital que possibilite a troca de experiências e conteúdos entre professores da Educação Inclusiva, favorecendo a construção coletiva de conhecimento, o registro de práticas pedagógicas e o suporte mútuo. Para alcance deste objetivo, a pesquisa será conduzida por meio das seguintes etapas, cada uma com um objetivo específico:

1. Mapeamento das práticas atuais.

Objetivo específico: Identificar junto aos professores da Educação Inclusiva quais meios utilizam para troca de experiências e conteúdos docentes.

2. Coleta de contribuições para o protótipo.

Objetivo específico: Selecionar, junto aos docentes, tópicos, itens e nomenclaturas que nortearão o protótipo da plataforma.

3. Desenvolvimento do protótipo.

Objetivo específico: Desenvolver o protótipo de plataforma digital colaborativa dos docentes da inclusão.

4. Avaliação do protótipo.

Objetivo específico: Avaliar o protótipo da plataforma junto aos professores da Educação Inclusiva da cidade de Niterói.

Ao reunir teoria, prática e escuta dos profissionais que vivenciam os desafios da inclusão, esta pesquisa busca oferecer uma contribuição concreta e aplicável à realidade da rede pública de ensino, promovendo um espaço de apoio, registro e construção coletiva para os professores da Educação Inclusiva.

1. Metodologia

Ao analisar a atuação dos professores da Educação Inclusiva no município de Niterói, esta pesquisa buscou compreender tanto os anseios profissionais desses docentes quanto as especificidades que caracterizam o Atendimento Educacional Especializado (AEE) e as atribuições dos cargos efetivos relacionados à inclusão escolar. Para isso, foi aplicado um questionário, por meio da plataforma Google Forms, a um grupo composto por 12 professores de apoio educacional especializado e 2 professores de sala de recursos multifuncional. O instrumento teve como objetivo identificar os meios utilizados por esses profissionais para a troca de experiências e de conteúdos entre pares no cotidiano escolar, além de permitir o mapeamento do escopo de atuação de cada docente participante.

Segundo Minayo (1992), na pesquisa qualitativa, o sujeito é o centro da construção do conhecimento, o que reforça a abordagem deste trabalho, em diálogo, Gil (2002, p. 133) afirma como a base qualitativa de investigação foi utilizada para a obtenção de dados e análise deste trabalho:

A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório.

Durante este processo, emergiram desafios como a ausência de espaços para troca de experiências, a dificuldade de acesso a registros de desenvolvimento dos alunos e a falta de colaboração entre os docentes. Desta forma, torna-se significativo compreender o contexto profissional dos professores da inclusão, refletindo sobre a importância de ambientes específicos para compartilhamento entre professores da inclusão.

Sousa (2023) ressalta que registros educacionais são fundamentais para investigações e estudos de caso no atendimento educacional especializado,

complementando Ferreira e Medeiros (2024), afirmam que para desenvolvimento integral dos estudantes público-alvo da educação inclusiva, é necessário a atuação estratégica de profissionais como o professor de apoio.

Quando se trata de Educação Inclusiva aliado ao tema encontram-se nas mais diversas pesquisas bibliográficas (Nozi; Vitaliano,2017; Vilaronga; Mendes; Zerbato 2023; Silva; Vilaronga 2021; Prado; El Tessa, 2023; Glat; Vianna; Redig 2012; Mantoan 2022;) os professores nomeados como mediadores, articuladores ou de apoio especializado. O trabalho deste docente de acordo com o decreto nº 7.611 de 17 de novembro de 2011 é descrito.

O atendimento educacional especializado deve integrar a proposta pedagógica da escola, envolver a participação da família para garantir pleno acesso e participação dos estudantes, atender às necessidades específicas das pessoas público-alvo da educação especial, e ser realizado em articulação com as demais políticas públicas. (BRASIL, 2011).

Este atendimento educacional claramente explícito pela lei seus deveres, há alguns obstáculos encontrados na realidade do cotidiano docente, seja ele especializado na educação especial ou não, conforme afirmam Nozi e Vitaliano (2017) através de pesquisa documental. Obstáculos estes como falta de espaço pedagógico para troca de experiências e planejamentos diferenciados a fim de atender necessidades específicas do estudante público-alvo da educação especial – PAEE, assim como também falta de espaço oficial e formal para troca de arquivos e conteúdos em prol da organização dos docentes.

Destacam neste paradigma Prado e El Tessa (2023) que os alunos PAEE, trazem consigo aprendizagens, dificuldades e potencialidades que são observadas pelos professores especialistas que os acompanham, através de um período contínuo e atento. Nesse sentido, a existência de espaços destinados ao registro formal dessas observações, com fácil acesso por parte de outros docentes da área, pode contribuir significativamente para o fortalecimento do processo educacional inclusivo. Tais registros favorecem a tomada de decisões pedagógicas mais ágeis e eficazes, reduzindo o intervalo entre a identificação de uma necessidade específica e a adoção de estratégias que promovam a aprendizagem do aluno público-alvo da educação inclusiva.

A colaboração ou falta dela é vista nos discursos docentes participantes do presente artigo, pois é onde efetivamente pode ou deveriam acontecer ações para tornar significativo e mais dinâmico o ‘fazer pedagógico’ dentro de sala de aula. Neste contexto colaborativo a tecnologia digital, pode ser aliada ao processo ensino x aprendizagem, uma vez que proporciona um ambiente democrático de compartilhamento de ações. Corrobora neste paradigma Lévy (1999) em *Cibercultura*, analisando o espaço tecnológico e sua potencialidade em valorizar o indivíduo enquanto gerador de conhecimentos.

Baseado nas experiências docentes e no referencial teórico analisado, este artigo apresentará além de reflexões acerca da colaboração entre docentes da educação inclusiva, suas vivências e atribuições, uma plataforma digital como ponto de partida para compartilhamento de conteúdo e otimização no trabalho educacional junto ao público-alvo da educação inclusiva. Longe de esgotar o campo da tecnologia na educação na perspectiva inclusiva, a proposta é iniciar um caminho de reflexões e possibilidades junto daqueles que constroem o chão da escola.

2. Desenvolvimento

2.1 Professores da Inclusão no município de Niterói

Na Rede Municipal de Educação de Niterói, foi criada em 2001 a primeira regulamentação específica para o atendimento do público da Educação Especial, por meio da Portaria FME nº 239. Essa normativa foi posteriormente substituída pela Portaria FME nº 087, de 2011. Além de estabelecer critérios para matrícula e atendimento pedagógico de estudantes com deficiência ou necessidades educacionais especiais (NEE), essa portaria também define, a partir do artigo 36, as atribuições do professor que atua na Sala de Recursos e do professor de apoio educacional especializado.

Costa et al (2023) enfatizam que o professor atuante na sala de recursos tem a principal tarefa de suplementar ou complementar aquilo que o aluno público-alvo da educação inclusiva necessita para plena participação nas atividades educacionais. O professor da Sala de Recursos, desenvolve seu trabalho em um espaço dentro da escola designado a ele e ao público-alvo da Educação Inclusiva em horários diferentes das aulas regulares do estudante. Não há concurso para SRM, pois os professores

já fazem parte do quadro de servidores docentes no município e são indicados pela equipe de articulação pedagógica (EAP) da escola para desenvolver o trabalho com a inclusão, devendo este ter formação para tal. Essas atribuições são detalhadas na fala de duas docentes atuantes na rede municipal de Niterói.

Atendo 25 alunos e faço meus registros por agendas físicas e virtuais.
(Docente 1)

São 15 alunos atendidos e meus registros são realizados por cadernos e plano de atendimento educacional especializado. (Docente 2)

A criação do cargo efetivo de Professor de Apoio Educacional Especializado, em 2016, por meio do primeiro concurso público específico para a Educação Inclusiva em Niterói, marcou um avanço importante na garantia de atendimento permanente aos estudantes público-alvo da Educação Especial. Sua função envolve a articulação de diferentes metodologias e ações dentro e fora da sala de aula, visando eliminar barreiras, sejam elas físicas ou relacionadas ao conteúdo, para garantir o pleno desenvolvimento dos alunos. Nesse sentido, Mendes, Vilaronga e Zerbato (2023) reforçam a importância de adaptações e de práticas didáticas diversificadas como caminho essencial para a promoção da equidade e efetivação dos direitos educacionais das pessoas com deficiência.

O sistema de ensino do município de Niterói está organizado por ciclos, cada um contendo seus respectivos períodos letivos e séries escolares. A Educação Infantil ocorre em um único ciclo, enquanto o Ensino Fundamental é dividido em quatro: o 1º ciclo abrange do 1º ao 3º ano; o 2º ciclo corresponde ao 4º e 5º anos; o 3º ciclo compreende o 6º e 7º anos; e o 4º ciclo inclui o 8º e 9º anos. As turmas são identificadas como Grupos de Referência (GR).

O professor especializado em Educação Inclusiva é alocado em um Grupo de Referência no início do ano letivo. Essa designação é, em geral, feita pela Equipe de Articulação Pedagógica (EAP) — composta por Diretor, Diretor-Adjunto, Pedagogo, Orientador Educacional e/ou Supervisor Educacional, Secretário Escolar e Professor Coordenador de turno — conforme previsto na Portaria nº 087/2011. A definição ocorre por meio de reuniões com os docentes e com o(a) professor(a) responsável pela Sala de Recursos Multifuncional.

O número de estudantes público-alvo da Educação Inclusiva em cada grupo de referência varia, pois não há número máximo de matrículas de alunos com necessidades educacionais especiais por escola ou ciclo, sendo assim o atendimento educacional especializado que abrange uma turma, acontece com quantos alunos estiverem alocados. Diante dessa diversidade social e humana, Mantoan (2003) defende a escola como um espaço de pertencimento, aberto a todos, sem barreiras de acesso, promovendo o desenvolvimento do indivíduo para o pleno exercício da cidadania. Essa configuração é confirmada pelos 12 professores de apoio educacional especializado entrevistados, conforme exposto no quadro 1.

Quadro 1-Professores de apoio educacional especializado e atendimentos

| Quantitativo de Professores | Quantitativo de alunos atendidos |
|------------------------------------|---|
| 3 | 1 |
| 2 | 2 |
| 4 | 3 |
| 3 | 4 |

Fonte: Elaborado pelos autores.

Com o objetivo de assegurar a singularidade de cada aluno e promover a inclusão educacional, o Professor de Apoio Educacional Especializado em Niterói elabora, a cada trimestre, relatórios detalhados sobre o desenvolvimento intelectual e social dos estudantes. Esses documentos também incluem informações relevantes sobre acompanhamentos médicos, terapêuticos e atendimentos realizados na Sala de Recursos Multifuncional da escola. Além disso, atribui um conceito de rendimento – A (alto), B (bom), C (satisfatório), D (insatisfatório) ou E (baixo) – para cada disciplina do currículo em conjunto com o professor regente da turma ou da disciplina. Quando necessário, elabora o Plano Educacional Individualizado (PEI), conforme previsto na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015, art. 28, inciso V), que estabelece a adoção de medidas individualizadas e coletivas que favoreçam o desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes com deficiência, garantindo seu acesso, permanência, participação e aprendizagem no ambiente escolar.

Embora não exista um modelo único para o PEI, a Secretaria de Educação Especial do município costuma fornecer orientações e sugestões para sua elaboração. Em geral, o documento traz dados específicos sobre o estudante que

necessita de adaptações, além de apresentar os objetivos pedagógicos para o ano letivo, as estratégias metodológicas, os recursos didáticos, os instrumentos de avaliação e a forma de desenvolvimento das atividades em cada disciplina ou área do conhecimento. Por suas características e objetivos bem definidos, apenas este último documento não é obrigatório a todo público-alvo da Educação Inclusiva, pois quando o estudante acompanha as aulas e a turma em sua totalidade sem dificuldades ou limitações na compreensão dos conteúdos, as adaptações ou articulações pedagógicas voltadas especificamente a ele são dispensadas. Glat e Blanco (2009, p. 26) refletem sobre essa diferença.

É importante frisar que necessidades educacionais especiais não é o mesmo que deficiência. O conceito de deficiência se reporta às condições orgânicas do indivíduo, que podem resultar em uma necessidade educacional especial, porém não obrigatoriamente. O conceito de necessidade educacional especial por sua vez, está intimamente relacionado à interação do aluno à proposta ou realidade educativa com a qual ele se depara.

Além das ações pedagógicas cotidianas, a produção de registros como relatórios trimestrais, PEIs e demais documentações referentes aos alunos público-alvo da Educação Inclusiva assume um papel fundamental tanto para o acompanhamento atual quanto para a continuidade do processo de ensino-aprendizagem nos anos seguintes. Esses documentos não apenas refletem o percurso acadêmico, mas também registram as dificuldades, avanços, estratégias adotadas e eventuais adaptações pedagógicas que se mostraram eficazes ou não. Através do quadro 2, os professores entrevistados expressam seus meios pedagógicos.

Quadro 2 - O fazer pedagógico do cotidiano docente na inclusão

| Professores | Formas de registros |
|--------------------|--|
| 1 | Relatório e caderno. |
| 2 | PEI, relatório, registro semanal. |
| 3 | Registros diários. |
| 4 | Diário de bordo, fotografia e caderno. |
| 5 | Relatórios. |
| 6 | PEI e relatórios. |
| 7 | PEI e registros no caderno. |
| 8 | Caderno de campo e relatório. |
| 9 | Portfólio e relatórios. |
| 10 | Relatórios e registros diários. |
| 11 | Agendas físicas e virtuais. |
| 12 | Caderno e plano de atendimento. |
| 13 | Caderno e Relatório |
| 14 | Relatórios. |

Fonte: Elaborado pelos autores.

Azevedo (2009) reforça essa perspectiva ao destacar a importância da documentação pedagógica como instrumento epistemológico e avaliativo. Para o autor, registros que evidenciam o processo educacional em sua integralidade possibilitam que futuros profissionais interpretem, analisem e tomem decisões pedagógicas fundamentadas, com impactos no presente e no futuro escolar do estudante. Nesse mesmo sentido, Santos Junior (2024) enfatiza que, no caso dos alunos com necessidades educacionais especiais (NEE), pareceres e relatórios elaborados pela equipe especializada tornam-se indispensáveis para o planejamento e a tomada de decisões pedagógicas, já que neles estão contidas informações cruciais sobre o desenvolvimento e as necessidades específicas de cada estudante.

Ademais, ao reconhecer o fazer pedagógico como um processo de construção do “eu” e do “outro”, que vai além da simples decodificação do saber, Mantoan (2003) destaca a importância da documentação pedagógica na Educação Inclusiva. Para a autora, o respeito à diversidade implica a necessidade de adaptações curriculares e do uso de diferentes recursos para garantir o atendimento de todos os alunos em uma mesma sala de aula. Essa abordagem demanda uma transformação constante na prática pedagógica, com avaliações contínuas que considerem a pluralidade das aprendizagens. Sendo assim, os registros acadêmicos assumem papel fundamental como ferramentas para acompanhar, refletir e orientar esse processo educativo,

sendo os professores de apoio educacional especializados e sala de recursos, não apenas responsáveis, mas também, capacitados à estas realizações.

Neste contexto, é necessário pensar a Educação Inclusiva em seus princípios norteadores (direito humano, equidade e justiça social); assim perpassa seus aspectos mais profundos desde considerar a singularidade como potencial, as adaptações curriculares, a horizontalidade das relações que se transformam em colaboração e a valorização do trabalho inclusivo daqueles que transformam a teoria em prática, ou seja, os professores de apoio educacional especializado e professores da Sala de Recursos do município de Niterói que buscam por meio do ensino democrático, a oferta de educação justa e humana a todos.

2.2 Colaboração entre docentes

A educação escolar se faz na convivência entre todas as pessoas, é nas relações que a inclusão se materializa, no coletivo compartilham experiências, constroem planejamentos, adequações necessárias e trocas de saberes. A escola precisa ter um olhar mais cooperativo, construindo uma rede de apoio e acolhimento para o trabalho participativo entre os docentes (Ferreira e Medeiros, 2024, p .7)

A sala de aula é um ambiente de troca, ensinamentos, aprendizagens, onde múltiplas realidades se encontram. Cada indivíduo traz sua realidade, crenças, características físicas, personalidades e em um mesmo espaço se encontram para compreender múltiplos temas, estes que serão expostos por um ou mais professores. Nesta ambência a oportunidade de “enriquecimento cultural” assume forma mais democrática quando se abre espaço para a colaboração daqueles que facilitam e transmitem didaticamente aos alunos público-alvo da educação inclusiva os conteúdos. O pedagógico exige compartilhamentos, não apenas para ampliação de conhecimento profissional, mas também para que haja ruptura da cultura existente nas Instituições educacionais de que o profissional da inclusão trabalha sozinho, ressalta Rabelo (2012).

A possibilidade de abertura de lacunas pela falta de espaço, onde trocas docentes para que questionamentos acerca do trabalho realizado ou compartilhamento de experiências com suas questões emocionais, são evidenciadas através da análise de respostas dos docentes. Não há apontamento diante deste artigo sobre o culpado, apenas ressalta-se que há um sistema de resultados,

escassez de tempo e falta de investimentos nos campos que venham a favorecer a colaboratividade docente. Desta forma, refletir sobre essa promoção implica considerar as oportunidades democráticas que dela emergem. Silva Junior et al. (2024) relaciona a perspectiva pedagógica do docente regente com a do professor especializado em atendimento educacional, ressaltando que, ao abrir espaço para o compartilhamento e a análise conjunta, torna-se possível identificar e até mesmo prevenir dificuldades significativas na aprendizagem dos alunos.

A ação colaborativa tem por objetivo que o aluno público-alvo da Educação Inclusiva alcance o máximo de suas potencialidades e atinja as metas almejadas para si no mundo. Nessa relação, três características pontuais necessitam de ênfase, pois há nesse processo complementação e articulação, para a garantia que todos os alunos acessem, participem e aprendam de forma equitativa.

O acolhimento, é essencial para o público da Educação Inclusiva, pois receber a diversidade desses alunos possibilita sua participação plena em todo o ambiente escolar. Isso significa que a individualidade do estudante não o exclui ou o mantém à margem do processo educativo; ao contrário, suas diferenças são reconhecidas e valorizadas. Silva (2015) retrata que a escola tem seu papel fundamental na sociedade e faz parte do seu trabalho garantir diálogos, adaptações, pois cada situação é individual e cada pessoa única.

A flexibilidade curricular, considerada um dos princípios fundamentais para assegurar uma educação de qualidade a todos, demanda um currículo que seja adaptável e maleável, capaz de superar barreiras físicas, comunicativas ou atitudinais. Dessa forma, o atendimento educacional especializado, que promove adaptações pedagógicas tanto dentro quanto fora da sala de aula, possibilita a aprendizagem inclusiva de todos os estudantes. Amorim e Costa (2014) corroboram ao afirmar que adaptar para o aluno é incluir, considerando sua realidade e oferecendo espaço para o conhecimento, pois é a escola que deve se adaptar a ele, e não o aluno a ela.

Metodologias diferenciadas, em sua maioria vão ao encontro das necessidades do aluno, mas, neste espaço, será designada sua relevância para o professor da educação inclusiva, que para além de sua formação inicial, a cada novo discente encontra-se com novos desafios. A cada aula há necessidade de estratégias que através de competências como escuta ativa, observação, empatia, entre outras já adquiridas no trabalho junto ao público-alvo da Educação Inclusiva, torna-se

necessário mudar, replanejar, adaptar e compartilhar com pares suas experiências. Glat e Blanco (2009) afirmam, neste âmbito, que aqueles que lidam com a Educação Inclusiva formam um conjunto de conhecimentos pedagógicos, materiais e humanos. Com o objetivo de contemplar cada aspecto apontado por pesquisadores e especialistas da área educacional, existem desafios que atravessam o tempo e vão além do dia a dia dos docentes da Educação Inclusiva no município de Niterói. Kluser de Jesus, Valim e Jatobá (2024) destacam que a realidade educacional local restringe os professores da inclusão em relação ao tempo disponível para colaboração, troca de conhecimentos e planejamento conjunto, já que as reuniões não oferecem espaço para esses diálogos. Quando indagados sobre a troca de experiências com os pares no cotidiano escolar e algumas respostas são destacadas.

Não é dado espaço nos horários de planejamento. (Docente 3)

A demanda é grande no dia a dia. (Docente 4)

Dificilmente temos tempo hábil para isso. (Docente 5)

De maneira informal (Docente 6)

Para que os princípios fundamentais da Educação Inclusiva sejam efetivamente aplicados no contexto educacional, é imprescindível garantir não só espaços para ações colaborativas entre os professores, mas também locais dedicados à valorização do trabalho pedagógico, especialmente por meio de registros e documentação. Isso porque cada atividade desenvolvida, envolve novas metodologias, avaliações adaptadas e abre caminho para novas possibilidades de aprendizagem. Esses registros possuem um valor educacional que vão além do arquivamento de histórico escolar dos alunos que recebem atendimento educacional especializado.

Hass, Sozo e Rodrigues (2021) destacam o caráter processual desses registros, que representam estratégias, narrativas e potenciais que agregam valor tanto para o professor que poderá analisar trajetórias já percorridas quanto para os alunos que se beneficiarão de um processo mais eficiente.

É possível observar que há desafios e obstáculos para superação no campo educacional ao se tratar não apenas dos alunos público-alvo da educação inclusiva, mas também daqueles que transformam os cotidianos escolares em espaços onde a

diversidade e a equidade se tornam presentes. Através do quadro 3, é destacado uma das barreiras desse cotidiano docente.

Quadro3 – Acesso à documentação específica dos novos alunos matriculados no AEE.

| Acesso aos registros do aluno | Sim | Não | Raramente |
|-------------------------------|-----|-----|-----------|
| Quantitativo de Professores | 4 | 6 | 4 |
| | | | |

Fonte: Elaborado pelos autores.

O cenário acima desenhado, pode representar um desafio em certos contextos, uma vez que, como destaca Mantoan (2022, p. 7), 'Nenhum atributo dá conta do que o humano é por inteiro. Somos seres unívocos, mesmo dentro de um mesmo grupo identitário no qual queiram ou queiramos nos alojar'. Diante disso, é ainda mais essencial que cada estudante público-alvo da educação inclusiva que recebe atendimento educacional conte com documentos orientadores elaborados pelo professor responsável por seu acompanhamento durante sua mudança de turma ou de escola. O que reafirma a significância de ter um ambiente digital para que professores da Educação Inclusiva possam trocar conteúdos e experiências de suas vivências, oportunizando contato com colegas que por vezes precisam dessa colaboração e interação para continuidade ou início de um trabalho junto aos alunos incluídos.

3. Resultados

3.1 Tecnologia digital como possibilidade de superação de desafios

Com o passar do tempo, culturas e realidades se transformam, e, independentemente de opiniões ou posicionamentos individuais, as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) tornaram-se parte integrante do cotidiano. Essa presença se estende a diversos setores da sociedade, inclusive à educação. Desde a promulgação do Plano Nacional de Educação, por meio da Lei nº 13.005/2014, a tecnologia é apontada como elemento fundamental para o progresso

do país, destacando-se entre suas diretrizes a “promoção humanística, científica, cultural e tecnológica”.

Nessa perspectiva, Sousa e Rossi (2023) destacam que o uso de aplicativos em sala de aula representa uma estratégia pedagógica relevante. Ao serem utilizados como ferramentas metodológicas, essas tecnologias contribuem para tornar o ambiente educacional mais dinâmico e colaborativo, ampliando as possibilidades de aprendizagem. Quando indagados sobre o uso de tecnologias no cotidiano docente, as respostas esboçam desafios.

Penso que seriam de grande valia para facilitar a integração do trabalho, haja vista que, questões como as respondidas acima, poderiam ser facilmente resolvidas se houvesse investimento em planejamento, desenvolvimento e implementação de sistemas operacionais que facilitasse a burocracia do papel de modo que as informações pudessem circular pela rede com maior agilidade, dentro dos parâmetros éticos, políticos e estéticos. (Docente 7)

Importantes, principalmente para trabalho colaborativo. Mas infelizmente não temos recursos para isso. O que utilizamos em sua maioria, são recursos pessoais. (Docente 8)

Ainda estamos muito aquém do que vem sendo proporcionado pela evolução tecnológica. Nas escolas públicas ainda é muito precário (Docente 9)

Para o docente, sendo um dos pilares da educação, não como detentor de saberes, mas como dinamizador de ideias; neste paradigma digital e informacional onde a cada ‘click’ abre-se inúmeras ‘abas’, torna-se necessário pensar em cada vez mais espaços democráticos de comunicação para aprendizagens, trocas de experiências, conteúdos e vivências pedagógicas. Corroboram com esta análise, Tiecher e Pavão (2020) afirmando que o campo digital é o espaço que oferece possibilidades significativas para construção e troca de saberes por dispositivos móveis.

Quando proposto a refletir sobre uma plataforma digital colaborativa entre docentes da educação inclusiva, algumas devolutivas por parte dos professores do município de Niterói foram além da necessidade de espaço onde o conteúdo seja o tema central, novas demandas se desenharam, conforme exposto nas falas.

Penso que seria interessante haver espaço para o professor expor sua vivência e solicitar ideias de modo que as respostas fossem apenas restritas a envio de materiais para resolução dessa. (Docente 10)

Um espaço exclusivo para trocas pessoais e apoio emocional, uma espécie de rede de apoio entre os professores da inclusão, visto as dificuldades psicológicas que enfrentamos. (Docente 11)

A tecnologia sozinha não seria capaz de dinamizar a troca efetiva entre professores e oferecer suporte as necessidades ou desafios do cotidiano, mas sim a colaboração entre professores com vivências próximas através de um meio tecnológico se torna possível conectar aqueles que buscam apoio, diálogo e superação dos obstáculos que o ofício carrega. Lima e Fialho (2015) afirmam que, através de momentos em que a colaboração é possível, incertezas sobre práticas pedagógicas são diminuídas, através da troca de saberes, as dificuldades são sanadas.

Quando oferecido espaços específicos por meio de ambientes virtuais, algumas pessoas sentem-se pertencentes a grupos, pois têm ali há espaço de refletir, divulgar, opinar ou simplesmente observar. Stano (2015) analisa, em seu projeto, onde oferece um ambiente virtual para compartilhamento de vivências docentes, que o percurso formativo se faz também com o cotidiano.

Nessa perspectiva, determinadas funcionalidades ou recursos de uma plataforma digital colaborativa precisam ser evidenciados. Conforme destaca Campos (2023), é fundamental que esse tipo de ambiente leve em consideração a diversidade dos usuários e desenvolva estratégias que favoreçam a participação de todos. Um desses recursos é o 'Fórum', onde um tema é proposto e os participantes têm a possibilidade (sem imposição) de contribuir com suas reflexões, promovendo, como observa Meyer (2022), uma variação nas formas de interação entre os envolvidos. Outro recurso relevante é a opção de 'upload' (carregamento) de arquivos, permitindo que o usuário compartilhe documentos com o grupo, o que favorece trocas e (re)construções de saberes. Por fim, destaca-se a funcionalidade de disponibilização de diferentes 'materiais digitais', como vídeos, imagens e links, que colaboram com ideias, projetos ou divulgações.

Com intuito de desenvolvimento de um ambiente colaborativo digital para e com os professores da inclusão do município de Niterói, o quadro 4 expõe funcionalidades e ícones de uma plataforma propícia e benéfica ao cotidiano dos docentes da inclusão.

Quadro 4 – funcionalidades para uma plataforma entre docentes da inclusão

| Perguntas | Respostas positivas | Respostas negativas |
|---|---------------------|---------------------|
| Um ambiente virtual para troca de materiais e experiências da educação inclusiva seria produtivo no seu cotidiano pedagógico? | 13 | 0 |
| Seria positivo no cadastramento da plataforma, ter espaço para descrição profissional do professor? | 11 | 2 |
| Uma plataforma colaborativa deve ter espaço para conversas privadas? | 7 | 6 |
| Fórum de discussão para debates ou troca de ideias, seria válido na plataforma digital colaborativa? | 12 | 1 |
| Espaço para envio de conteúdos em formato de PDF's e Imagens. | 13 | 0 |

Fonte: Elaborada pelos autores.

Outrossim, destaca-se respostas discursivas com solicitações de um ambiente que não apenas disponibilizasse materiais e possibilitasse o envio de documentos do trabalho efetivado por eles, mas a necessidade de disseminar práticas pedagógicas relativas as vivências, assim como questões emocionais desses professores. Segundo Torres e Irala (2014), a aprendizagem é o principal resultado de uma dinâmica colaborativa bem-sucedida, uma vez que ela se fundamenta na troca entre os pares e na superação conjunta de desafios.

Um espaço exclusivo para trocas pessoais e apoio emocional, uma espécie de rede de apoio entre os professores da inclusão, visto as dificuldades psicológicas que enfrentamos. (Docente 12)

Vídeos com dicas de profissionais da saúde sobre rotina, formas de agir diante de uma crise e outros protocolos. (Docente 13)

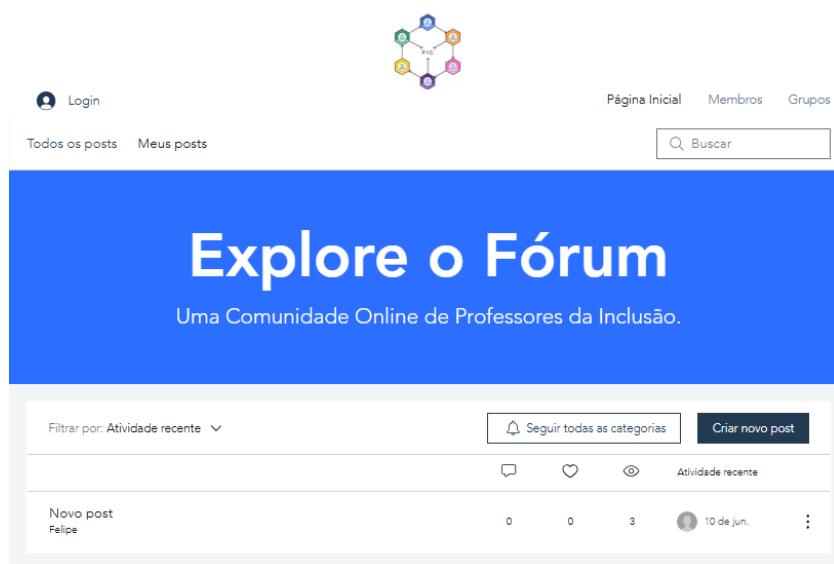
Penso que seria interessante haver espaço para o professor expor sua vivência e solicitar ideias de modo que as respostas fossem apenas restritas a envio de materiais para resolução dessa. Trocas são interessantes até o util instante que se tornam pessoais. Estabelecer um limite claro e consistente para que as trocas sejam eficazes seria muito produtivo. (Docente 14)

Analizando cada fala e conhecendo através das respostas de cada professor, suas inquietações, rotinas e expectativas, foi desenvolvido o protótipo de plataforma digital colaborativa PIC – Professores da Inclusão Conectados⁴, realizado através de

⁴ Acesso: <https://professoresdainclu.wixsite.com/my-site>

uma plataforma para criação de sites. O protótipo desenvolvido representa, portanto, uma proposta inicial para suprir a carência revelada pelos docentes, funcionando como um espaço de colaboração horizontal e experiência docente, oferecendo oportunidade para construção de comunidades de apoio mútuo, contribuindo para valorização do fazer pedagógico como os registros, relatórios, projetos e cotidianos que formam a base do trabalho inclusivo. Através da figura 1, é apresentada a primeira página de acesso ao protótipo PIC.

Figura 1 – Apresentação do protótipo



Fonte: Elaborada pelos autores.

Conclui-se nesta etapa, que a colaboração foi ponto de partida, meio e fim da pesquisa e em cada opinião ou resposta discursiva, a atenção da pesquisadora, as importâncias dadas pelos participantes à construção da ferramenta digital, era ampliada. Segundo Schwandt (2006), é possível compreender de forma objetiva os significados subjetivos das ações humanas, considerando elementos como crenças e desejos dos sujeitos envolvidos. Desta forma, é desenvolvido um espaço feito com os professores da inclusão e para os professores da inclusão, embora ainda em fase experimental, a plataforma aponta caminhos promissores.

3.2 Sob o olhar avaliativo dos professores da inclusão

A avaliação do protótipo da plataforma digital colaborativa, realizada com um grupo de professores participantes, evidenciou percepções majoritariamente positivas quanto ao seu potencial pedagógico e à sua funcionalidade. De modo geral, os docentes destacaram a interface como sendo intuitiva e ressaltaram a relevância de um espaço destinado ao compartilhamento de experiências e conteúdos, conforme expresso por uma das professoras participantes.

Achei muito boa a ideia, na correria do cotidiano é uma troca incrível que a plataforma vai viabilizar. Ficou subdividido, assim posso encontrar as pessoas que passam pela mesma situação que eu, dificuldades no trabalho (Docente 1).

Outros participantes da avaliação também ressaltaram que a plataforma digital favorece significativamente a troca de experiências e o compartilhamento de materiais entre educadores, contribuindo para a consolidação de uma rede de apoio profissional e para o fortalecimento de práticas colaborativas. A possibilidade de divulgar projetos, compartilhar relatórios e estabelecer contato com professores de outras unidades escolares foi apontada como uma funcionalidade promissora para qualificar o trabalho desenvolvido na Educação Inclusiva, conforme destacado por um dos docentes participantes.

Prática de usar! No nosso dia a dia que não há tempo de encontro presencial, acho que é um pontapé para dar início a algo maior porque muitas vezes nos sentimos sozinhos no campo da inclusão (Docente 2).

Apesar das avaliações positivas, também foram apontadas sugestões de melhoria, como destaque sobre a missão da plataforma para que novos membros possam se ambientar com facilidade e espaço apenas para relatórios e documentos discentes, conforme a professora 3 ressalta “é bem prática, mas imaginei que seria uma plataforma só para encaminhar documentos dos alunos da educação inclusiva”, em dialogo a professora 4 complementa “a gente não tem esse tipo de espaço na rede, queria que fosse pra todos os professores”.

De acordo com Moran (2015), o uso das tecnologias no contexto educacional requer mudanças tanto de mentalidade como de postura diante do novo, somente assim, a colaboração é oportunizada. Sendo assim, sintetizando as contribuições dos professores é evidenciado que o protótipo atende a uma demanda real por ferramentas que promovam a colaboração docente, ao mesmo tempo em que indicam

caminhos para contribuições futuras de novas implementações na plataforma, visando maior engajamento dos professores da inclusão no município de Niterói.

Considerações finais

O propósito desta pesquisa foi criar um protótipo de plataforma digital colaborativa voltada a professores que atuam na educação inclusiva em Niterói, visando estimular o compartilhamento de conteúdos e vivências entre esses profissionais. Durante o processo de investigação e desenvolvimento, identificou-se que, há uma lacuna relevante no que diz respeito à criação de ambientes voltados ao acolhimento, escuta e troca entre os próprios docentes da área inclusiva. A análise dos dados indicou que os professores demonstram necessidade não apenas de instrumentos pedagógicos, mas também de espaços que possibilitem a partilha de sentimentos, desafios e experiências vividas no contexto da inclusão escolar. Essa percepção reforça a importância de reconhecer o professor como protagonista no processo inclusivo, considerando suas necessidades emocionais e interpessoais.

O protótipo desenvolvido, configura-se como uma proposta inicial voltada a suprir as carências identificadas nas falas de cada professor, atuando como um espaço de colaboração horizontal e partilha de experiências docentes, oferecendo assim, a possibilidade de construção de comunidades de apoio mútuo, contribuindo para a valorização do fazer pedagógico, por meio de registros, relatórios, projetos e vivências cotidianas que sustentam a prática inclusiva. Dessa forma, conclui-se que soluções tecnológicas voltadas às vivências e ao fortalecimento dos vínculos entre professores da educação inclusiva têm potencial para desempenhar um papel essencial na consolidação de práticas educacionais mais empáticas, colaborativas e formativas.

Referências bibliográficas

AMORIM, Michelli Silva Sousa Agra; COSTA, Valdelúcia Alves. **Experiências de Inclusão escolar no município de Niterói: Avaliação da aprendizagem, para que?** 2014. Disponível em: <https://anpedsudeste2014.files.wordpress.com/2015/07/michelli-silva-sousa-agra-amorim-valdelc3bacia-alves-da-costa.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2025.

AZEVEDO, Ana Maria Lourenço Cerqueira. **Revelando as aprendizagens das crianças: a documentação pedagógica**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho, Portugal, 2009.

BRASIL. **Decreto nº 7.611 de 17 de novembro de 2011.**

BRASIL. **Lei n.13.005, de 25 de junho de 2014.** Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF., 26 jun 2014. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm>. Acesso em: 28 abr. 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em: 28 abr. 2025.

CAMPOS, G. **Uma Rede colaborativa digital entre secretarias escolares, da educação básica, no Estado do Rio de Janeiro.** Dissertação de Mestrado, Novas Tecnologias Digitais na Educação. Universidade Carioca. Rio de Janeiro, 2023.

COSTA, Andréa Maria Esteves da; ESPÍRITO SANTO, André Cotelli do; MOL, Antônio Carlos de Abreu; SIQUEIRA, Ana Paula Legey de. **Formação continuada para professores de sala de recursos multifuncional: uma contribuição com as novas tecnologias digitais.** Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 23, nº 16, 2 maio. 2023.

DA SILVA MEYER, Antonia Izabel. **Ambientes virtuais de aprendizagem:** conceitos e características. Kiri-Kerê - Pesquisa em Ensino, v. 1, n. 12, 2022.

FERREIRA, Franchys Marizethe Nascimento Santana; MEDEIROS, Carla da Conceição. **Desafios da mediação e apoio educacional especializado-AEE no ambiente escolar: uma análise do cotidiano.** Revista Diálogos Interdisciplinares, v. 4, n. 16, p. 1099-1114, 2024.

GLAT, E.; BLANCO, L.M. V. **Educação Especial no contexto de uma Educação Inclusiva.** In: Glat, R. (Org). Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7 Letras; 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GLAT, E.; VIANNA, M. M.; REDIG, A. G. **Plano Educacional Individualizado:** uma estratégia a ser construída no processo de formação docente. *Ci. Huma. e Soc. em Rev.*, v. 34, n. 12, p. 79-100, 2012.

HAAS, Clarissa; MROSS, Carolina; PEDRON, Eduarda Andréia. **O Plano Educacional Individualizado como Documentação Pedagógica para Articulação Entre Currículo e Educação Inclusiva.** VI Seminário Nacional de Educação Especial/XVII Seminário Capixaba de Educação Inclusiva, 2020.

JESUS, S. A. D. K.; VALIM, R. L. M.; JATOBÁ, A. **Planejamento docente colaborativo como ferramenta estratégica de uma educação inclusiva:** uma preliminar de pesquisa. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 79, 2024. DOI: 10.12957/teias.2024.86425. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/86425>>. Acesso em: 26 abr. 2025.

LIMA, Jorge Ávila; FIALHO, Adolfo. **Colaboração entre professores e percepções da eficácia da escola e da dificuldade do trabalho docente.** *Revista Portuguesa de Pedagogia*, p. 27-53, 2015.

LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?.** São Paulo: Moderna, 2003.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Uma Escola Hospitaliera.** *Revista de Estudos Aplicados em Educação*, v. 7, n. 13, 2022.

MENDES, Enicéia Gonçalves; VILARONGA Carla Ariela Rios; ZERBATO, Ana Paula. **Ensino colaborativo como apoio à inclusão escolar:** unindo esforços entre educação comum e especial. EdUFSCar, 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. In: O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 1992. p. 269-269.

NITERÓI. **Portaria FME Nº 087, de 12 de fevereiro de 2011.**

NOZI, Gislaine Semcovici; VITALIANO, Celia Regina. **Saberes de professores propícios à inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais:** condições para sua construção. *Revista Educação Especial*, v. 30, n. 59, p. 589-602, 2017.

PRADO, Leiva Ayres; EL TASSA, Khaled Omar Mohamad. **Desafios e inquietações da docência:** a transição de alunos público-alvo da educação especial no ensino fundamental. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, v. 15, n. 44, p. 262-282, 2023.

RABELO, Lucélia Cardoso Cavalcante. **Ensino colaborativo como estratégia de formação continuada de professores para favorecer a inclusão escolar.** 2012.

SANTOS JUNIOR, Francisco Dutra dos. **Uma abordagem computacional para prospecção e acompanhamento da trajetória de estudantes no atendimento educacional especializado.** 2024.

SILVA JUNIOR, E. E. et al. **A atuação do atendimento educacional especializado (AEE) na promoção da Inclusão escolar.** *Revista FT. Ciências Humanas*, v. 28, e. 135, jun. 2024.

SILVA, R. S.; VILARONGA, C. A. R. **Colaboração entre professores do ensino comum e especial em um município paraense.** *Revista Eletrônica de Educação*, [S. l.], v. 15, p. e4147009, 2021. DOI: 10.14244/198271994147. Disponível em: <<https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4147>>. Acesso em: 27 abr. 2024.

SILVA, Vanja Mara Barbosa. **A diversidade em sala de aula:** um desafio sempre atual. Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília, 2015.

SOUSA, Antonio Joel Marinho; ROSSI, Cláudia Maria Soares. **A utilização de TICs na educação:** uso de aplicativos educacionais na produção de um ambiente virtual de ensino e aprendizagem uma abordagem bibliográfica. Revista Foco, v. 16, n. 6, p. e2360-e2360, 2023.

SOUSA, Márcia Josiane Vaz. **Educação Especial na Perspectiva da educação Inclusiva:** Discutindo diretrizes norteadoras para organização dos registros da trajetória acadêmica dos estudantes. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Novas Tecnologias Digitais na Educação. Universidade Carioca, 2023.

STANO, R. C. M. T. **O caminho de um grupo de formação continuada docente:** do compartilhamento de práticas docentes para uma pedagogia da e para a autonomia. Educar em Revista, Curitiba, n. 57, p. 275-290, jul./set. 2015.

TIECHER, Sergio Reni; PAVÃO, Ana Cláudia Oliveira. **Potencialidades do uso de aplicativos móveis no compartilhamento de estratégias contemplando à atuação profissional docente.** Revista Novas Tecnologias na Educação, v. 18, n. 2, p. 551-559, 2020.

TORRES, Patrícia Lupion; IRALA, Esrom Adriano Freitas. **Aprendizagem colaborativa: teoria e prática. Complexidade:** redes e conexões na produção do conhecimento. Curitiba: Senar, p. 61-93, 2014.